

Efeito é constatado em experimento de realidade virtual e, segundo pesquisadores franceses, reproduzem os benefícios observados na vida real. Para os autores, o resultado deve ser considerado no trabalho de planejadores urbanos

Ruas verdes e coloridas fazem bem à saúde

Ruas lotadas, barulho e prédios cinzentos podem levar ao estresse e à fadiga. Há estudos comprovando que a vida na cidade pode ser ruim para a saúde e o bem-estar emocional. Um experimento conduzido pela Universidade de Lille, na França, mostra que um antídoto para esses problemas pode estar em incorporar mais padrões coloridos e “manchas verdes” às edificações e às ruas.

“Esse estudo ilustra o potencial de intervenções simples para melhorar a vida dos moradores urbanos, além do poder da realidade virtual para testar tais intervenções”, enfatizam, em comunicado, os autores do estudo, liderado pela pesquisadora Yvonne Delevoeye-Turrell e divulgado na edição mais recente da revista *Frontiers in Virtual Reality*.

No experimento, Delevoeye-Turrell e a equipe submeteram 36 voluntários adultos a experiências em ambientes urbanos distintos. Foram criados um ambiente urbano imersivo sem vegetação e outro, com plantas. O grupo também colocou padrões coloridos ao longo dos caminhos a serem percorridos.

Usando óculos e um fone de ouvido de realidade virtual, os participantes passaram um tempo explorando os ambientes criados. Durante o experimento, a equipe avaliou a velocidade espontânea de caminhada, o comportamento do olhar, a percepção de mudanças e medidas fisiológicas de estados afetivos dos voluntários.

Para determinar para onde eles estavam olhando e por quanto tempo, cada fone de ouvido incluiu um rastreador ocular. Dessa forma, a equipe detectou, por exemplo, que os adultos passaram menos tempo olhando para o chão e mais tempo observando seus arredores em ambientes com

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Passar por áreas verdes e coloridas leva as pessoas a andarem mais devagar e aumenta a frequência cardíaca: indicadores de prazer

vegetação. Nessas mesmas configurações, os participantes caminharam mais devagar e tiveram frequências cardíacas maiores, indicando, segundo os autores, que passaram por uma experiência mais prazerosa.

Os padrões de cores, por si só, não tiveram o mesmo efeito restaurador que a vegetação, mas estimularam o interesse e o fascínio dos voluntários e atraíram os olhares ao mesmo tempo em que elevaram os batimentos cardíacos, indicando um aumento da excitação fisiológica. “Os resultados sugerem que aumentar a quantidade de vegetação e os desenhos coloridos

em ambientes urbanos pode melhorar o bem-estar dos moradores das cidades, dando uma nova interpretação ao termo selva de concreto”, destacam os autores.

Novos estudos

Delevoeye-Turrell chama a atenção para o fato de a realidade virtual ter ajudado a constatar experiências que acontecem na vida real. “As reações humanas são sensíveis a mudanças ambientais, como clima ou tráfego, e vieses de medição. Consequentemente, usamos a realidade virtual como prova de conceito para medir as reações a essas

intervenções em um espaço urbano simulado.”

Os efeitos constatados também abrem a possibilidade do uso da ferramenta tecnológica por planejadores urbanos, permitindo que eles testem virtualmente o impacto de possíveis modificações em áreas coletivas e de grande movimento. No futuro, a equipe espera tornar a experiência virtual ainda mais imersiva, o que ajudaria na obtenção de resultados mais precisos. “Odores e sons podem ser o próximo passo para a realidade virtual testar verdadeiramente o impacto das cores no prazer de caminhar”, indica Delevoeye-Turrell.



Odores e sons podem ser o próximo passo para a realidade virtual testar verdadeiramente o impacto das cores no prazer de caminhar”

Yvonne Delevoeye-Turrell, pesquisadora da Universidade de Lille e líder do estudo

ONU pede ação contra a seca

No momento em que cidades de vários países enfrentam ondas de calor incomuns, a Organização das Nações Unidas (ONU) pediu uma “ação imediata” contra a seca e a desertificação para evitar “desastres humanos”. “A hora de agir é agora: cada ação conta”, disse o secretário executivo da Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação (UNCCD, na sigla em inglês), Ibrahim Thiaw, em uma conferência mundial em Madri, na Espanha, por ocasião do Dia Mundial da Luta contra a Seca.

Thiaw lembrou que o número crescente de pessoas que têm sido afetadas pela seca não é mais novidade e alertou que as estimativas indicam que “metade da população mundial enfrentará uma grave escassez de água nos próximos oito anos”. Por isso, seguiu, “é indispensável implementar sistemas eficazes de alerta precoce e mobilizar fundos duradouros para melhorar a resistência das populações à desertificação”.

Países como Estados Unidos, Espanha, Itália e França estão sofrendo ondas de calor extremo fora do verão, com temperaturas acima de 40°C. “Não há lugar na Terra para se esconder (...) Nenhum país, rico ou pobre, está a salvo”, insistiu o representante da UNCCD. Organizada na Espanha, a conferência acontece quase um mês depois da COP15 contra a desertificação, que reuniu 7 mil pessoas em Abidjan, na Costa do Marfim, e teve como resultado o compromisso de recuperar 1 bilhão de hectares de terras degradadas até 2030 para responder à “emergência climática”.

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 13

PARA ENTENDER OS VÍCIOS

Cientistas mapearam uma rede cerebral que estaria ligada a vícios através do estudo de pessoas que pararam de fumar abruptamente após sofrerem lesões cerebrais. Os autores da pesquisa, publicada na revista *t*, esperam que os resultados obtidos possam ajudar a orientar melhor os futuros tratamentos de dependência. Os pesquisadores analisaram primeiro tabagistas. Em seguida, pacientes foram submetidos a uma avaliação de risco relacionado ao álcool. Os especialistas descobriram que as lesões da rede cerebral relacionadas ao vício em fumantes também reduzem a possibilidade de alcoolismo, “sugerindo uma rede compartilhada de vício entre essas substâncias”. De acordo com um dos autores do trabalho, Juho Joutsa, neurologista da Universidade finlandesa de Turku, “a rede identificada fornece um alvo que pode ser testado para tentativas de tratamento”.

Quarta-feira, 15

FIM DE UMA ERA NA INTERNET

O Internet Explorer, o navegador web dominante da americana Microsoft odiado por alguns usuários, foi desativado depois de 27 anos nas telas de computadores de todo o mundo. A empresa anunciou a saída no ano passado e, em uma publicação de blog feita nesta quarta-feira, explicou que o motivo é a necessidade de começar do zero com um navegador diferente: Microsoft Edge. “O Internet Explorer (IE) foi aposentado oficialmente, está sem suporte a partir de agora”, escreveu a Microsoft. “A web evoluiu e os navegadores também. As melhorias adicionais no Internet Explorer não conseguiram igualar as melhorias gerais da web em geral, então começamos de novo”, acrescentou. A gigante da tecnologia não oferecerá mais correções ou atualizações para a versão existente do Explorer e os usuários serão direcionados automaticamente para o aplicativo substituto, o Microsoft Edge.

AFP



Terça-feira, 14

VOLTA AO NORMAL

Depois de dois anos e meio, os ensaios clínicos na área de oncologia começam a se recuperar, com pacientes se inscrevendo e comparecendo aos locais de teste. Por causa da pandemia de covid, muitas pesquisas foram interrompidas — em parte, porque as pessoas se sentiam inseguras de sair de casa. Segundo um artigo publicado na revista *Annals of Oncology*, em dois grandes centros acadêmicos norte-americanos o coronavírus reduziu o número de participantes de pesquisas em 46%. Porém, desde meados do ano passado, a equipe notou um retorno acima do normal. De 2019 a junho de 2021, as duas instituições estudadas iniciaram 467 ensaios clínicos. Os autores também observaram que as interrupções também ocorreram devido à queda no financiamento.

AFP



Quinta-feira, 16

NOVA POPULAÇÃO DE URSOS POLARÉS

O rápido encolhimento do gelo marinho do Ártico representa uma ameaça existencial aos ursos polares. Afinal, eles precisam de uma superfície para caçar focas. Entretanto, em um novo estudo, os cientistas identificaram uma subpopulação isolada de ursos polares, no sudeste da Groenlândia que usa gelo de água doce das geleiras da região como uma plataforma, sugerindo que esse habitat em particular é menos suscetível que outros às mudanças climáticas. As descobertas, descritas na revista *Science*, sugerem a possibilidade de que pelo menos algumas populações da espécie possam sobreviver além deste século, quando se espera que o gelo marinho do Ártico desapareça completamente durante os meses de verão.